SETOR AGROALIMENTAR PORTUGUÊS CONTINUA A CRESCER

PAÍS €CONÓMICO

Nº 216 › Mensal › Novembro 2020 › 2.50€ (IVA incluído)

Mohamed VI
Rei de Marrocos

Exportações deverão retomar crescimento em 2021

Eurico Brilhante Dias, Secretário de Estado da Internacionalização, é o principal rosto da diplomacia económica do governo português e tem se desdobrado em contatos para dinamizar a abertura de novos mercados para as exportações portuguesas e captar novos investimentos diretos estrangeiros para Portugal.

Índice

Grande Entrevista

O Secretário de Estado da Internacionalização, Eurico Brilhante Dias, acredita que Portugal vai recuperar a quota exportadora do país e conseguir atingir os 50% do PIB até 2003. Por outro lado, também está confiante de que Portugal consiga manter o ritmo de captação de investimento estrangeiro, assim como pretende reforçar a diplomacia económica portuguesa em várias partes do globo, seja no Brasil, seja em África, ou ainda no continente asiático.

Pág. 22 a 29

Ainda nesta edição...

20 Governo aprovou Plano de Investimentos

21 Dona da Makro comprou Aviludo

30 Brasileiros querem aproveitar o Porto de Sines

33 Euro Peltier inova na indústria em Portugal

35 Metalogalva adquire participação em empresa francesa

36 Jorge Pires produz carroçarias de alta qualidade

40 Rei Mohammed VI de Marrocos há 21 anos no trono

46 Portugal e Arábia Saudita querem reforçar relações

47 Jetclass reforça aposta no mobiliário de luxo

48 Vila Galé inicia novo resort no Brasil

48 B&B constrói hotel em Viana do Castelo

49 Hyatt reforça investimento hoteleiro em Lisboa

50 Braga é das melhores cidades europeias

50 Senses Vilamoura é top no luxo algarvio

Grande Plano

Aproveitar o que o Alentejo possui de mais genuíno constitui a aposta de muitas empresas da região, na certeza de que estarão por essa via em melhores condições para se afirmarem no mercado, não apenas regional, mas igualmente em termos nacionais e até internacionais. No entanto, outro movimento se afirma na grande planície alentejana, a do desenvolvimento tecnológico e científico, como a afirmação do cluster aeronáutico evidencia, e que atrai cada vez mais quadros qualificados ao Alentejo.

Pág. 6 a 19

Eurico Brilhante Dias, Secretário de Estado da Internacionalização, não alimenta polémicas

«O investimento estrangeiro é bem-vindo a Portugal»

O Secretário de Estado da Internacionalização, Eurico Brilhante Dias, defende que o ««investimento direto estrangeiro é bem-vindo a Portugal», sublinhando que todos os investidores, independente da sua proveniência, são bem acolhidos em Portugal. Resposta diplomática, mas também pragmática, para referir que Portugal não coloca condicionalismos a investidores externos, sejam, por exemplo, chineses ou norte-americanos. Ou de outra proveniência. Destacando Sines como uma grande estrutura estratégica para a economia portuguesa, o Secretário de Estado da Internacionalização quer atrair o agronegócio brasileiro para o maior porto nacional. Captação de investimento estrangeiro e incremento das exportações portuguesas constituiram os temas centrais da entrevista à **PAÍS€CONÓMICO** *de Eurico Brilhante Dias.*

TEXTO › JORGE ALEGRIA | **FOTOGRAFIA** › RUI ROCHA REIS

O Senhor acompanhou recentemente a visita da Ministra da Agricultura do Brasil ao porto de Sines, e ainda há duas semanas conversou com o Ministro do Desenvolvimento Regional do Brasil, onde abordou as potencialidades em várias áreas para investidores portugueses com interesse no Brasil. Como observa a fase atual das relações económicas e empresariais entre Portugal e o Brasil?

Do ponto de vista comercial, o presente momento reflete naturalmente os efeitos da pandemia, embora este seja um momento conjuntural, pelo que entendemos que ambos os países têm condições para voltar a um plano de crescimento do relacionamento comercial bilateral.

Aliás, devo sublinhar que nos últimos anos têm crescido esse relacionamento bilateral, com a particularidade deste ano termos mais importações do que exportações, muito fruto da importação de combustíveis minerais vindos do Brasil, invertendo o suprávite que temos mantido nesse intercâmbio bilateral.

Naturalmente que as nossas exportações no setor agroalimentar continuam fortes, a crescer e a constituir um elemento fundamental nas exportações portuguesas para o mercado brasileiro.

Nesta visita que a Ministra da Agricultura do Brasil realizou a Portugal, destaco a importância de termos conseguido, fruto de um trabalho diplomático com alguns anos, desbloquear três assuntos de grande importância para o nosso setor agroalimentar. Em primeiro lugar, os lácteos produzidos nos Açores desde 2015 estavam impedidos de exportar para o Brasil. Esse problema foi desbloqueado e os lácteos açorianos podem voltar a entrar no mercado brasileiro. Aliás, tal como estávamos impossibilitados de adicionar novas empresas produtoras de lácteos do continente português em exportar para o Brasil. Conseguimos também desbloquear essa situação para aproveitamento das empresas portuguesas.

Mas, obviamente que a relação com o Brasil, mesmo no domínio económico, é muito mais amplo do que apenas a questão do relacionamento comercial. Destaco, a propósito, a capacidade que o país tem mostrado em conseguir captar investimento direto estrangeiro brasileiro, onde recordamos sempre o caso paradigmático da Embraer, mas que ainda recentemente tivemos mais um capítulo com um investimento de uma empresa brasileira em parceria com a portuguesa CEiiA, em concretização neste momento no Alentejo.

Por outro lado, também no setor agroalimentar, temos registado investimento brasileiro em Portugal, sobretudo com investimentos de alto valor na área do amendoal, localizados nas zonas de Idanha-a-Nova e no Fundão.

Finalmente, é de destacar igualmente os importantes investimentos brasileiros no setor do imobiliário, sobretudo nas cidades de Lisboa e do Porto, e que já vem de há quatro ou cinco anos a esta parte.

No entanto, o Ministro do Desenvolvimento Regional do Brasil disse-lhe que existem várias oportunidades de investimento nas áreas em que domina, no território brasileiro. Portugal tem capacidade para aproveitar algumas dessas oportunidades?

Tenho essa convição. Essa conversa com o Ministro Rogério Marinho foi mui-

to importante, pois permitu-nos colher a informação de que existe um vasto conjunto de projetos em setores como a água e dos resíduos bem como das grandes infraestruturas de transportes. Tudo setores onde várias empresas portuguesas se têm distinguido a nível internacional, e que entendemos poderem aproveitar o elevado potencial que neste momento existe no Brasil para reforçar a sua posição num mercado muito importante para Portugal e para as nossas empresas.

Ainda no que respeita ao potencial para o crescimento da presença empresarial portuguesa no Brasil, sublinho a área das tecnologias de comunicação e informação, em grande medida na sequência da realização em Portugal do Web Summit, que trouxe missões de empresas brasileiras a Portugal e depois também levou missões de empresas portuguesas ao Brasil, e redundou já na criação de uma incubadora de empresas no Rio de Janeiro, que já visitei por duas vezes, e que constitui uma importante plataforma de dinamização do relacionamento nessa área empresarial luso-brasileira.

Por último, gostaria de destacar o grande interesse na evolução empresarial naquilo a que denomino como serviços especializados, ou serviços profissionais de elevado valor, seja no domínio da arquitectura ou outras áreas similares ou aproximadas. O nosso trabalho tem sido o de ajudar a alargar a base de intercepção dos interesses económicos e empresariais entre Portugal e o Brasil.

Sines poderá ser importante hub para o agronegócio brasileiro

Retorno à primeira pergunta onde referenciava a visita da Ministra da Agricultura do Brasil ao porto de Sines. Em que medida é que este poderá ser aproveitado pelo agronegócio brasileiro?

Vejo como uma oportunidade natural para o agronegócio brasileiro, que cada vez mais está a olhar para Portugal e para Sines em particular como uma possibilidade importante para chegar a produção brasileira à Europa.

Como sabe, os principais fluxos comerciais do Mercosul em geral, e do Brasil em particular, para a Europa passam-nos atualmente literalmente ao lado, viajando diretamente para os portos do norte da Europa.

Todavia, existe uma entendimento cada vez mais consciente, sobretudo junto de setores do agronegócio do nordeste e do norte do Brasil de que o escoamento da sua produção dos portos dessas regiões poderão chegar a Sines apenas com seis dias de navegação e do principal porto português poderá fazer uma redistribuição para toda a área do Mediterrâneo, tanto na parte europeia como no norte de África, bem como fazer operações de transhipment para o norte da Europa, ou até adicionar em Sines algumas cargas que sigam esse rumo dos portos do norte do continente europeu.

Mas, Sines e o seu porto poderão também ter um papel mais alargado no relacionamento de Portugal e da própria Península Ibérica com o Mercosul, pois os navios que trarão os produtos ou matérias-primas brasileiras, poderão levar de volta carga com destino à América do Sul, tornando assim mais eficiente toda a cadeia logística. Isso será concerteza do interesse do agronegócio brasileiro. Acreditamos que no futuro haverá possibilidades desse cenário se tornar uma realidade. A nós cabe-nos apresentar esse grande potencial e foi o que fizemos na recente visita da Ministra da Agricultura do Brasil.

O investimento direto estrangeiro é bem-vindo a Portugal

O porto de Sines, bem como a escolha da tecnologia do 5G, tem sido 'palco' de uma disputa entre chineses e norte-americanos. Como é que Portugal se deverá posicionar neste equilíbrio difícil entre duas forças concorrentes?

A minha posição é simples e pragmática. Portugal tem um interesse objetivo no desenvolvimento do porto de Sines, quer na sua dimensão contentorizada, quer no aspeto do gás natural, neste caso, sem prejuízo na decisão de apostar fortemente nas energias renováveis, pois sempre entendemos que o gás natural deveria assumir um papel de transição entre as soluções do carvão e do petróleo, de um lado, e das energias renováveis, por outro.

A situação atual, como é publicamente conhecido, é que temos o terminal de contentores concessionado à Port of Singapore Authority. Entendemos que existe potencial e espaço para o desenvolvimento da carga contentorizada em Sines, pelo que foi decidido a construção de um novo terminal de contentores no porto de Sines. Está em desenvolvimento um concurso para todos aqueles que entendam candidatar-se à sua cosntrução e operação, tudo feito dentro das regras da maior transparência.

Aliás, o governo português já convidou empresas norte-americanas e chinesas a concorrerem à construção e operação desse futuro terminal de contentores.

Não só convidámos potenciais investidores norte-americanos e chineses, como também convidámos empresas alemães, japonesas, do Médio Oriente, entre outras. O espaço de intervenção está completamente aberto e devo sublinhar que o investimento estrangeiro é bem-vindo a Portugal e não colocamos qualquer condicionamento prévio seja a quem for. O que pretendemos é que

o futuro terminal de contentores seja construído e colocado em operação, que tenha sucesso, porque isso será muito importante para o porto de Sines e para Portugal.

A disputa no gás natural é mais complicada?

Como sabe, o terminal de gás liquefeito é gerido pela REN, empresa que detém um corpo acionista onde o principal investidor é a empresa chinesa State Grid. O que referimos é da importância de desenvolver o negócio do gás em Portugal sempre com a permissa fundamental de assegurar a segurança energética do abastecimento do país.

Dito isto, devo sublinhar que nunca excluímos nem empresas norte-americanas nem de qualquer outro país em intervirem no gás em Portugal. Mais, reafirmo o que disse anteriormente, as empresas estrangeiras são bem-vindas a Portugal, desde naturalmente que tragam valor e negócios transparentes para Portugal.

Chegados aqui, e para responder diretamente à sua pergunta inicial nesta matéria, Portugal possui uma parceria estratégica com a República Popular da China, com quem partilhamos interesses comuns, mas também temos uma aliança com os Estados Unidos da América, fundada noutros aspectos, não apenas em termos económicos, mas fundamentalmente no plano político-diplomático, onde a dimensão da defesa está sempre presente, pois não podemos esquecer que Portugal é um país fundador da Nato.

Aliás, talvez ao contrário da perceção pública, as nossas exportações para o EUA são maiores do que para a China, bem como os investimentos norte-americanos em Portugal são superiores aos chineses. É preciso lembrar que o mercado norte-americano é o mais importante fora da Europa para as exportações portuguesas.

Como bem referiu, os EUA constituem um mercado estratégico para a economia e para as empresas portuguesas, neste último caso, não apenas enquanto destino das exportações, mas também no campo do investimento e da internacionalização das empresas nacionais. O que espera da política norte-americana após o dia 20 de janeiro de 2021 (quando toma posse o Presidente dos EUA)?

Dos Estados Unidos esperamos sempre aprofundar a aliança que mantemos bem como a oportunidade de construir em conjunto de maiores oportunidades para aumentar a qualidade de vida dos cidadãos dos nossos dois países.

Queremos também continuar em conjunto com os EUA a defender valores importantes como o multilateralismo, bem como aprofundar o relacionamento comercial entre a União Europeia e os EUA, e queremos obviamente gerar em conjunto oportunidades para as empresas portuguesas terem mais espaço no mercado norte-americano. Além de queremos construir uma parceria que abra cada vez mais novas oportunidades para os cidadãos, a começar para que os estudantes dos dois lados do Atlântico possam cooperar e terem mais e melhores oportunidades para criarem valor e conhecimento para ambos os países.

Portugal tem dado passos concretos no relacionamento com os Estados Unidos, onde temos feito um forte investimento político-diplomático, sobretudo desde 2018, sendo de realçar as visitas realizadas pelo Presidente da República, pelo Primeiro-Ministro e pelo Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, tendo na altura passado por vários pontos do território norte-americano, e decidimos em consequência abrir uma terceira delegação da Aicep Portugal Global no país, estando a ser estudadas três possíveis localizações para essa nova delegação da Aicep nos EUA. Isso demonstra a importância deste país na estratégia internacional de Portugal.

África deverá continuar no topo das nossas prioridades externas

Perante mais de uma década, os PALOP constituíram um destino importante das exportações e dos investimentos portugueses em África. O continente africano deverá continuar a constituir uma aposta estratégica de longo prazo para as empresas portuguesas?

O continente africano é e deverá continuar a ser um destino de sempre para as empresas portuguesas, mas igualmente para vastos setores da sociedade portuguesa, tantos nos países de língua portuguesa, bem como em vários outros países africanos.

Naturalmente que o nosso relacionamento tem tido uma marca superior e muito própria com os países africanos que conosco partilham a mesma língua, mas sublinho a forte importância, até histórica e comercial que temos com os países do Magrebe, em particular com Marrocos, Argélia e a Tunísia, assim como o crescente relacionamento que temos desenvolvido com países da costa ocidental de África como o Senegal, a Costa do Marfim e o Gana, e que do ponto de vista estratégico desempenham um papel muito importante a sul do Sahel.

Por outro lado, gostaria de acrescentar a importância do nosso relacionamento bilateral com o Egito, aliás bem traduzido na visita do Presidente Al-Sisi a Portugal, bem como do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa ao Egito, assim como temos desenvolvido um conjunto de ações nos países do designado Corno de África, com destaque para o Etiópia, no sentido de abrir cada vez mais as portas desses mercados a empresas portuguesas, o que já acontece por exemplo no Uganda, onde já temos alguma presença empresarial portuguesa.

Ou na África do Sul, onde a diáspora portuguesa é muito importante e possuem impacto no relacionamentoe conómico bilateral.

Dito isto, é evidente que pretendemos aprofundar o relacionamento com o conjunto dos países de língua portuguesa, bem como com cada um deles em particular, como aliás aconteceu ainda muito recentemente na visita a Portugal do novo Presidente da Guiné-Bissau, onde tratámos de vários temas importantes para ampliar as possibilidades das empresas portuguesas no país. A dimensão económica no próprio âmbito da CPLP é uma matéria que desejamos ajudar a aprofundar e a desenvolver.

Portugal quer aumentar a sua visibilidade no Médio Oriente

Parece que o Médio Oriente em geral, e o Golfo Arábico em particular, tem estado longe das prioridades diplomáticas do Governo. A recente visita a Lisboa do Ministro dos Negócios Estrangeiros da Arábia Saudita poderá constituir uma mudança nesse distanciamento?

Não devemos perder de vista a aposta séria que Portugal fez no regresso do país às exposições universais com a aposta na Expo Dubai, que deveria ter acontecido este ano, mas em face das circunstâncias que percorre o mundo foi adiada para 2021.

É uma aposta que tem correspondência na necesssidade de Portugal em aumentar a sua visibilidade naquela região e a presença na Expo Dubai constituirá uma grande oportunidade de receber visitantes não só do próprio Dubai e dos Emirados Árabes Unidos, mas de todos os países circunvizinhos, bem como outros vindos do vizinho sub-continente indiano.

Relativamente à Árabia Saudita, é um país com quem Portugal possui uma excelente relação e eu próprio participei na reunião da Comissão Mista bilateral em 2017, onde ambos os países dialogam e cooperam sobretudo nas áreas económicas. Na sequência da reunião ocorrida em Lisboa agora em outubro, o Senhor Ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros de Portugal encarregou-me do lado português para organizar a realização da próxima reunião da Comissão Mista bilateral, que se realizará em Riade, capital da Arábia Saudita. Esperamos que os resultados sejam excelentes para os dois países e sobretudo que possamos ajudar a crescer significativamente o relacionamento económico e empresarial entre os dois países, pois ambos concordamos que existem potencialidades e oportunidades para o crescimento desse relacionamento.

Queremos retomar o peso das exportações no PIB português

Como está a decorrer a captação de investimento estrangeiro para Portugal?

A pandemia tem tido um efeito forte junto dos agentes económicos na tomada das suas decisões de investimento. Muitos não deixaram cair as intenções anteriormente manifestadas, mas postergaram as decisões quanto ao momento e ao timming em que poderão avançar na decisão de investimento.

Devo referir que os anos de 2018 e 2019 foram anos muito importantes na captação de investimento direto estrangeiro para Portugal, em cada um deles acima de mil milhões de euros contratualizados, o que nos permitiram ganhar quota de mercado nessa questão da angariação de IDE para o nosso país.

Não temos informações de que Portugal tenha perdido intenções de investimento neste ano. Naturalmente que possuímos informações de que existe um natural adiamento de várias decisões de investimento, e outras de concretização mais lenta dos projetos de investimento.

Mas, acrescento, que até ao momento, neste ano de 2020, já temos contratualizados praticamente 350 milhões de euros de investimento direto estrangeiro em Portugal. Tenho expectativas fundadas de que até ao final do ano, ainda teremos novos projetos angariados, e sobretudo num ano em que no primeiro semestre de 2020 o investimento diretor estrangeiro no mundo diminuiu em quase 50%, apesar disso, a quota de Portugal na captação de investimento externo consiga manter-se estável e em linha do que ocorreu nos anos anteriores.

Quais são os principais objetivos da Secretaria de Estado da Internacionalização para 2021?

Para o próximo ano, o primeiro grande objetivo aponta para a recuperação do peso das exportações portuguesas no produto, voltando a subir para poder atingir em 2023 o peso registado no final de 2019, e depois conseguirmos atingir a importante meta de ter as exportações a significarem 50% do produto português em 2027.

Gostaria, se me permite, destacar o ano excepcional que constituiu 2019 para as exportações portuguesas, em que pela primeira vez atingimos e até superámos os 90 mil milhões de euros de exportações, tendo-se cifrado nos 93,5 milhões de euros. É evidente que este ano exportaremos muito menos, não tanto pela área dos bens, mas sobretudo devido à queda dos serviços, com forte destaque para o turismo e o transporte, que possuem um peso muito importante nas nossas exportações de serviços. A componente dos bens tem reagido muito bem, praticamente as nossas exportações de bens em agosto quase igualaram o mês homólogo do ano anterior, mas na área dos serviços a situação não acompanhou minimamente essa evolução.

Para o próximo ano, outro grande objetivo é de alcançarmos um valor superior na captação de investimento direto estrangeiro, mas devo sublinhar que não nos importam apenas os números, embora eles sejam importantes, mas também a qualidade e o valor acrescentado que tanto os investimentos que recebemos, bem como as exportações que enviamos para o exterior, possam melhorar o desempenho da economia e das empresas em Portugal. ‹